

A estação prehistórica do Alto do Montijo (Sintra)

POR

J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira

Em 9 de Outubro de 1949, os signatários da presente nota, procederam a investigações nos arredores de Sintra, para localizar a sepultura da Folha de Barradas, descoberta e explorada por Carlos Ribeiro. No decorrer dessas prospecções foi encontrada no alto dum pequeno outeiro a estação prehistórica agora estudada.

Na carta geológica na escala 1/50.000 — folha de Sintra — vê-se que o terreno ocupado pela estação, é constituído por uma mancha basáltica.

Na carta dos Serviços Cartográficos do Exército n.º 34-A na escala de 1/50.000 vem indicado o alto do Montijo com a cota de 166 m. É uma pequena elevação situada a uns 300 m. da junção da estrada que de Sintra vai para Pero Pinheiro, passando pelo campo de aviação militar da Granja do Marquês, e do ramal para a Terrugem, rumo à Ericeira. A situação desta jazida é das mais interessantes visto fazer parte de um grupo de estações prehistóricas espalhadas em volta da serra de Sintra, das quais, citaremos as principais; A NE encontram-se as estações dos Negrais descobertas por E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente e o importante castro das Olelas, com as suas grutas prehistóricas do Vale da Calada, descobertas por Carlos Ribeiro e mais tarde exploradas por Mello Nogueira (1).

(1) A. de Melo Nogueira — *Estação prehistórica de Olelas*. Lisboa, 1933.

Bem perto, no local onde hoje se erguem as construções do campo de aviação da Granja do Marquês, foi descoberta e explorada a sepultura da Folha de Barradas ⁽²⁾.

A Sul, nos arrabaldes da Serra de Sintra, no Vale de S. Martinho explorou Maximiano Apolinário ⁽³⁾ dois túmulos do tipo do Monumento do Barro, em Torres Vedras ⁽⁴⁾.

Numa visita que realizámos àquela estação suspeitámos da existência de mais algumas sepulturas ⁽⁵⁾.

Para Poente, foi explorada por J. Camarate França, uma notável sepultura que encerrava para cima de cem esqueletos e uma indústria das mais importantes até hoje exumada, indústria lítica e cerâmica, de tipo almeriense semelhante à de várias estações conhecidas na região de Lisboa ⁽⁶⁾.

São notáveis também os achados, ainda inéditos, de M. Vaultier ⁽⁷⁾ e os de J. Camarate França, ⁽⁸⁾ na serra de Sintra.

⁽²⁾ Carlos Ribeiro — *Estudos prehistóricos em Portugal*, II, Lisboa, 1880.

⁽³⁾ Maximiano Apolinário — *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*. «Archeólogo Português», vol. II, Lisboa, 1896.

⁽⁴⁾ F. Alves Pereira — *Processo do monumento pré-histórico do Monte da Pena*. «Archeólogo Português», vol. XIV, Lisboa, 1909.

É de lamentar que o rico espólio proveniente deste monumento se encontre ainda inédito, pois já são passados alguns anos que deu entrada no Museu Etnológico.

⁽⁵⁾ Fizemos há bem pouco tempo na companhia do Ex.^{mo} Sr. Prof. Doutor Mendes Corrêa, uma visita a esta estação prehistórica. É confrangedor ver o estado de abandono em que se encontram tão belos e raros monumentos, que marcam uma época de cultura florescente na Península.

⁽⁶⁾ Será em breve publicado por um dos signatários da presente nota, J. Camarate França, o resultado desta útil exploração.

⁽⁷⁾ M. Vaultier tem encontrado nas suas pesquisas interessantes peças eneolíticas de bronze e de pedra.

⁽⁸⁾ J. Camarate França encontrou também estações eneolíticas na Serra, com material lítico e cerâmico.

Para findar a soma já avultada de estações da mesma época que rodeiam a nossa, citaremos ainda a jazida de Carenque ⁽⁹⁾, os dólmenes da região de Belas ⁽¹⁰⁾, o monumento do Monge ⁽¹¹⁾ e o castro de Liceia com as suas grutas sepulcrais ⁽¹²⁾.

Do exposto, neste pequeno intróito, se vê que, a região de Sintra é bastante importante do ponto de vista arqueológico. Juntaremos a todas estas importantes estações a nova pequena achega do alto do Montijo.

O material recolhido nesta primeira prospecção é constituído por instrumentos de sílex, cerâmica lisa e ornamentada, uma pequena mó, núcleos, percutores, um percutor-pilão alongado e um fragmento de calcário com um furo natural, mas regularizado para servir de peso ou pendeloque.

A) — Material de sílex

O espólio desta natureza é constituído pelo seguinte: 5 lascas (4 de sílex e uma de quartzite) retocadas para servir de raspadeira, 4 raspadeiras, 1 raspador côncavo, 1 lâmina afeioada na ponta em raspadeira, 1 bico, 1 raspadeira sendo uma das pontas afeioada em bico, 1 raspador, 1 raspador discóide bem retocado em toda em periferia, 1 lâminazinha retocada dos dois bordos (serrinha ou elemento de foice), 1 lasca de técnica solutróide com ponta aburilada para servir de raspadeira.

As 5 lascas aproveitadas para servirem de raspadeira apresentam pequenos retoques com nítida indicação de terem servido,

(9) Manuel Heleno — *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa, 1933.

(10) Carlos Ribeiro — *Estudos pré-históricos...* *Op. cit.*

(11) Carlos Ribeiro — *Op. cit.*

(12) *Idem.*

são de sílex amarelado, zonado, com a excepção de uma que é cinzenta zonada e a referida lasca de quartzite que é rosada. Todo o outro espólio apresenta cores que vão, desde o sílex rosado ao negro, com a excepção da lasca do paleolítico superior, que tem uma pátina amarela-esbranquiçada, sem brilho, e do raspador discóide que é branco.

Descrição das principais peças

INSTRUMENTOS MAIS ANTIGOS APROVEITADOS NO ENEOLÍTICO. — Lâmina de técnica mousteróide (Fig. 1) com uma das faces convexa e a outra plana, ligeiramente côncava, com plano de percussão preparado e dois bolbos gémeos no verso. Apresenta retoques, nas suas duas faces, nos dois bordos e na extremidade mais estreita. Na extremidade larga tem indícios de uso como raspadeira do eneolítico. É de sílex com pátina amarelo-esbranquiçada sem brilho. Comp. 0,07 m. Largura máx. 0,04 m. e espessura máx. 0,015 m.

INSTRUMENTOS LÍTICOS DO ENEOLÍTICO. — Lasca de técnica solutróide (Fig. 2) afeiçoada como raspadeira cuja ponta se apresenta aburilada. É de sílex castanho-acinzentado. Comp. 0,035 m. Largura máx. 0,023 m. Espessura máx. 0,008 m.

Raspador discóide (Fig. 3) de sílex branco muito bem retocado em toda a sua periferia. Diâmetro: 0,04 m. Espessura a meio: 0,013 m.

Raspadeiras de sílex. Dimensões da maior (Fig. 4) Comp. 0,46 m. Largura: 0,036 m. Espessura: 0,013 m. Da menor comp. 0,022 m. Largura: 0,016 m. Espessura: 0,009 m.

Raspadeira de sílex castanho (Fig. 5), bem retocada na aresta que serviu como raspadeira, e tendo a extremidade dessa aresta afeiçoada em bico. Comp. 0,037 m. Largura: 0,030 m. Espessura: 0,012 m.

Raspador de sílex avermelhado (Fig. 6). Foi um pequeno

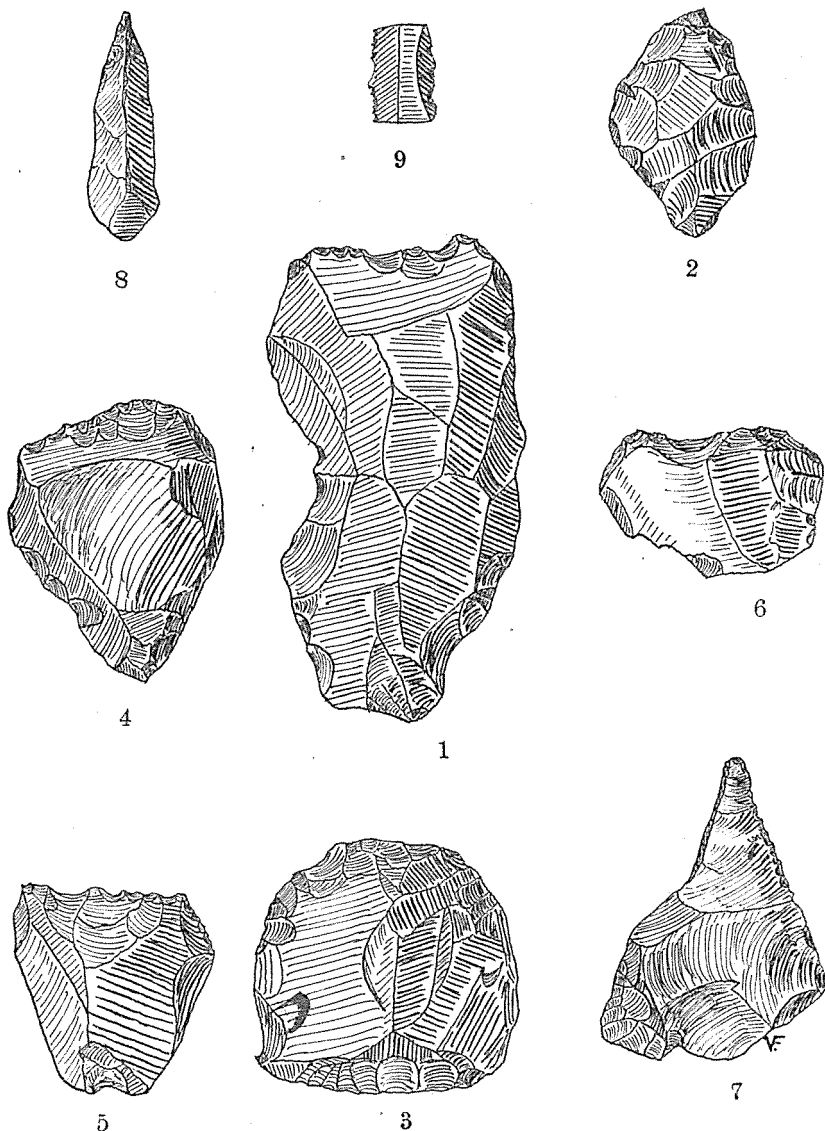


Fig. 1 — Material de sílex

núcleo aproveitado para raspador depois de ter sido bem reto-

cado numa das arestas. Tem nesta aresta uma «coche» com finos retoques. Comp. 0,023 m. Largura: 0,035 m. Espessura: 0,010 m.

Lasca de sílex castanho-amarelado (Fig. 7). Numa das faces foram tiradas três lâminas. Apresenta indícios de ter servido numa das pontas de furador, tendo uma das arestas do furador retocado. Comp. 0,046 m. Largura: 0,032 m. Espessura: 0,014 m.

Ponta de sílex acinzentada, espessa, (Fig. 8) retocada em furador. Comp. 0,035 m. Largura: 0,011 m. Espessura: 0,010 m.

Fragmento de pequena lâmina (Fig. 9) de sílex cinzento bem retocada nos dois bordos. É possivelmente um elemento de dente de foice. Comp. 0,014 m. Largura: 0,010 m. Espessura: 0,003 m.

Núcleo de sílex amarelado, discóide. Diâmetro: 0,053 m. Espessura: 0,029 m.

Núcleo de sílex escuro, arredondado mais alto que largo, Comp. 0,57 m. Largura: 0,044 m. Espessura: 0,035 m.

Percutor esferóide de sílex amarelo, diâmetro: 0,075 m.

Pilão-percutor em quartzite (aproveitado dum calhau rolado) numa das extremidades apresenta uma fractura extensa, por acidente. Comp. 0,115 m. Largura: 0,051 m. Espessura: 0,032 m. (Fig. 1, Est. III).

Fragmento de calcário tendo numa das extremidades um furo feito por um organismo litófago. Foi afeiçoado depois para servir de peso ou grande pendeloque. Comp. 0,090 m. Largura: 0,077 m. Espessura: 0,030 m. (Fig. 5, Est. III).

Mó manual de diorito. Diâmetro: 0,14 m. Espessura: 0,040 m. (Fig. 2, Est. III).

B) — Cerâmica

I — CERÂMICA ORNAMENTADA. — Fragmento de cerâmica, bordo de taça tipo Palmela ⁽¹³⁾. Comp. 0,032 m. Espessura no bordo: 0,02 (Fig. 1, Est. II).

Dois fragmentos com ornamentação do vaso campaniforme ⁽¹⁴⁾, um é um bordo cuja espessura mede 0,01 m. (Figs. 9 e 12, Est. II).

Fragmento de bordo ornamentado com um pontilhado, conseguido talvez por meio dum pente. Comp. 0,022 m. Altura: 0,032 m. Espessura no bordo: 0,077 m. (Fig. 6, Est. II).

Fragmento de barro grosseiro com uma ornamentação incisa e curiosa afectando a forma triangular. Dá a impressão de ter sido feita com um punção calcando a massa do barro ainda fresca. O bordo é denteado. Espessura no bordo: 0,008 m. (Fig. 3, Est. II).

Bordo do tipo campaniforme ornamentado de delgadas faixas incisivas alternando com linhas quebradas. O bordo é inclinado para dentro. Espessura deste: 0,004 m. (Fig. 14, Est. II).

Fragmento de vaso, de perfil muito acentuado no bojo, ornamentado com linhas quebradas e linhas paralelas verticais, incisivas. Espessura na parte do bojo: 0,011 m. (Fig. 19, Est. II).

Vários fragmentos ornamentados com linhas paralelas alternando com linhas quebradas. Dimensões do maior comp. 0,05 m.

⁽¹³⁾ Emile Cartailac — *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886.

Nils Aberg — *La civilization énéolithique dans la péninsule ibérique*. Halle, 1921.

⁽¹⁴⁾ Alberto del Castillo — *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona, 1928. Vide os lindos vasos de pé das grutas de S. Pedro do Estoril, em Cascais.

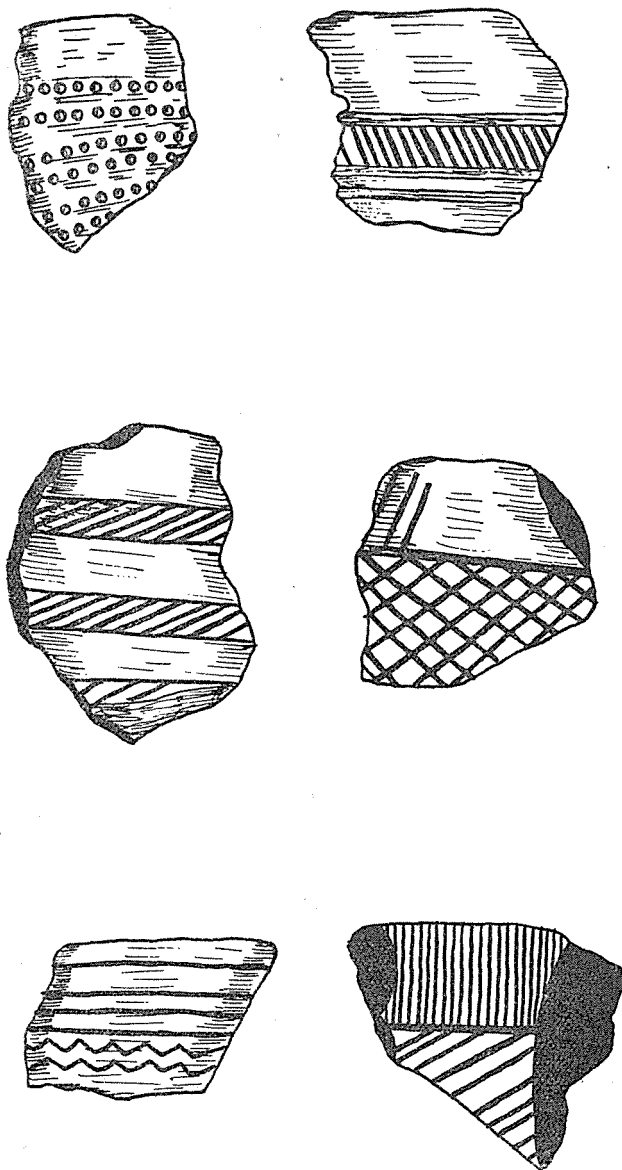


Fig. 2 — Principais motivos da cerâmica encontrada

Espessura no bordo: 0,0011 m. Do menor comp. 0,021 m. Espessura: 0,0012 m. (Figs. 2, 7, 15, 17, 18, 21, Est. II). Vários fragmentos ornamentados com linhas finas paralelas alternando com

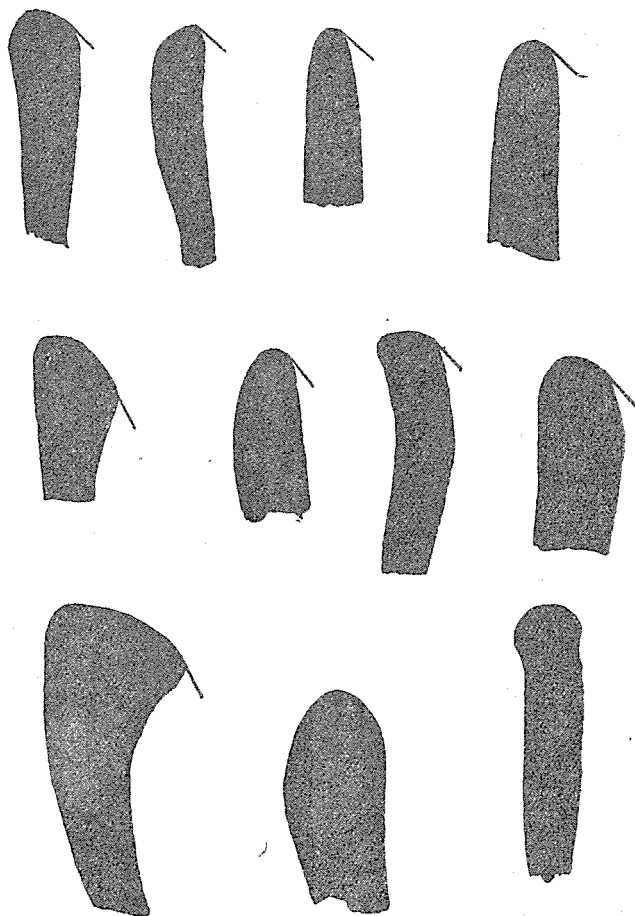


Fig. 3 — Perfis de vasos

outras oblíquas, linhas quebradas alternando com oblíquas entre dois traços paralelos (Figs. 4, 8, 13, 17, Est. II).

Um bordo inclinado para dentro, espesso, ornamentado de uma série de linhas verticais finas e paralelas que assentam numa

série de linhas oblíquas. Espessura no bordo: 0,011 m. (Fig. 11, Est. II).

Um bordo delgado ornamentado com linhas verticais a partir da parte superior, separadas por espaços lisos. Por baixo destas linhas verticais, tem como ornamentação, um sistema de linhas cruzadas, grossas e bastante incisas, formando xadrez. Espessura no bordo: 0,008 m. (Fig. 5, Est. II).

Um fragmento de cerâmica que parece ter ornamentação «cordada». Esta cerâmica é muito rara entre nós, pelo menos, só conhecemos um fragmento encontrado por Prescott Vicente e Cunha Serrão no castro de Olelas. Nils Aberg considera-a nórdica. Espessura: 0,008 m. (Fig. 20, Est. II).

II — CERÂMICA LISA. — A cerâmica lisa apresenta bordos característicos das estações megalíticas e de algumas grutas conhecidas ⁽¹⁵⁾. São curiosos os dois bordos que ostentam protuberâncias mamilares (Fig. 1, Est. I).

Considerações e cronologia

Pelo exame do espólio, principalmente a cerâmica, podemos considerar a estação como eneolítica e pertencendo à cultura do vaso campaniforme. Os bordos de taça tipo Palmela justificam, só por si, esta opinião. Podemos ver exemplares semelhantes nas

(15) Estácio da Veiga — *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Lisboa, 1893. Vidé a colecção das grutas da Estremadura no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. Vidé o enorme espólio ainda inédito do Museu Etnológico proveniente dos dólmenes do alto Alentejo. Vidé também as colecções do Museu Regional de Lagos.

estações portuguesas em Palmela ⁽¹⁶⁾, gruta da Ribeira da Lage ⁽¹⁷⁾, Monge, grutas de S. Pedro do Estoril ⁽¹⁸⁾, grutas de Alapraia ⁽¹⁹⁾, Alto da Cabreira ⁽²⁰⁾, etc.

Embora o espólio encontrado nesta primeira prospecção seja ainda pouco abundante, com os elementos recolhidos, podemos já determinar uma cronologia. Os ornatos dos fragmentos de técnica incisa aparecem sempre associados à cerâmica do tipo campaniforme dentro do eneolítico português.

Nas estações dos arredores de Lisboa, citadas, o tipo campaniforme aparece associado também a vasos de bordos denteados como em Montes Claros ⁽²¹⁾, Alapraia, etc., etc. O próprio material lítico, embora rudimentar, aparece também nas estações indicadas dos arredores de Lisboa. São frequentes as lâminas retocadas num dos bordos para servir de dente de foice e, sobretudo, os furadores como; em Montes Claros e Estoril ⁽²²⁾.

Segundo G. e Vera Leisner ⁽²³⁾ este período caracteriza a

⁽¹⁶⁾ Emile Cartailiac — *op...cit...*

⁽¹⁷⁾ Vidé espólio no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. Este material foi estudado por G. Zbyszewski e A. Viana e, será em breve publicado.

⁽¹⁸⁾ Descobertas por Leonel Ribeiro. O seu espólio conserva-se inédito com manifesto prejuízo para os estudos arqueológicos.

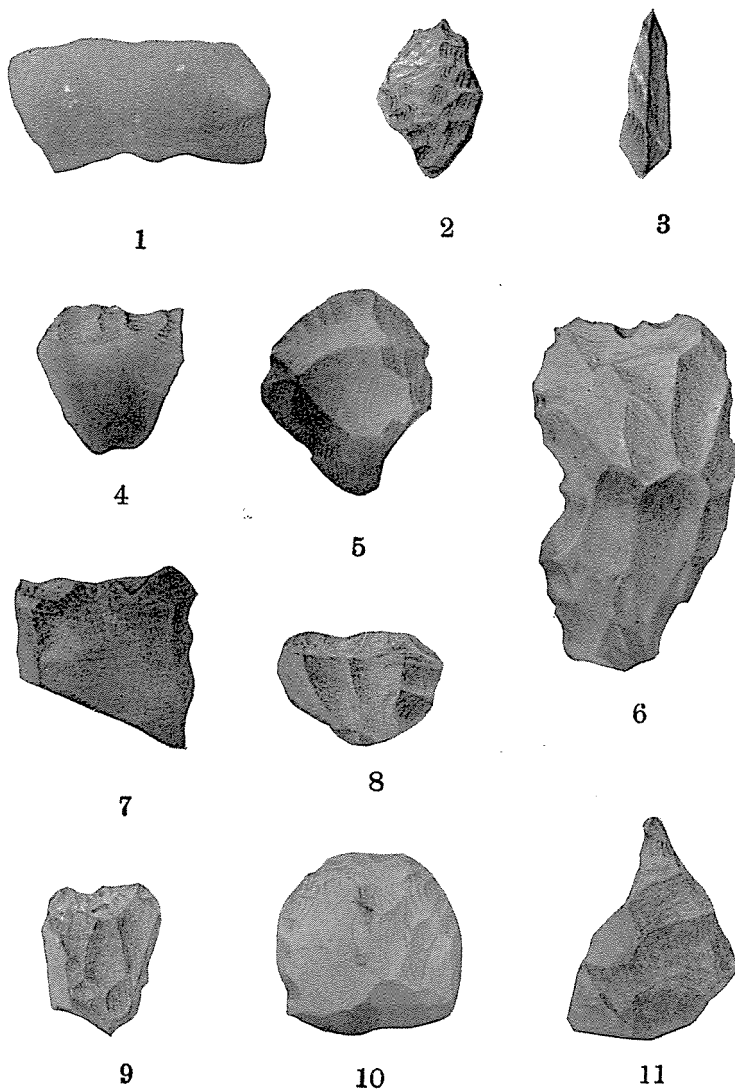
⁽¹⁹⁾ E. Jalhay e A. do Paço — *A gruta II de Alapraia*. Anais da Academia Portuguesa de História. Vol. IV, Lisboa, 1941.

⁽²⁰⁾ J. Camarate França — *A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Monsanto)*. Extracto dos fasc. 3-4 do vol. XI dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto, 1948.

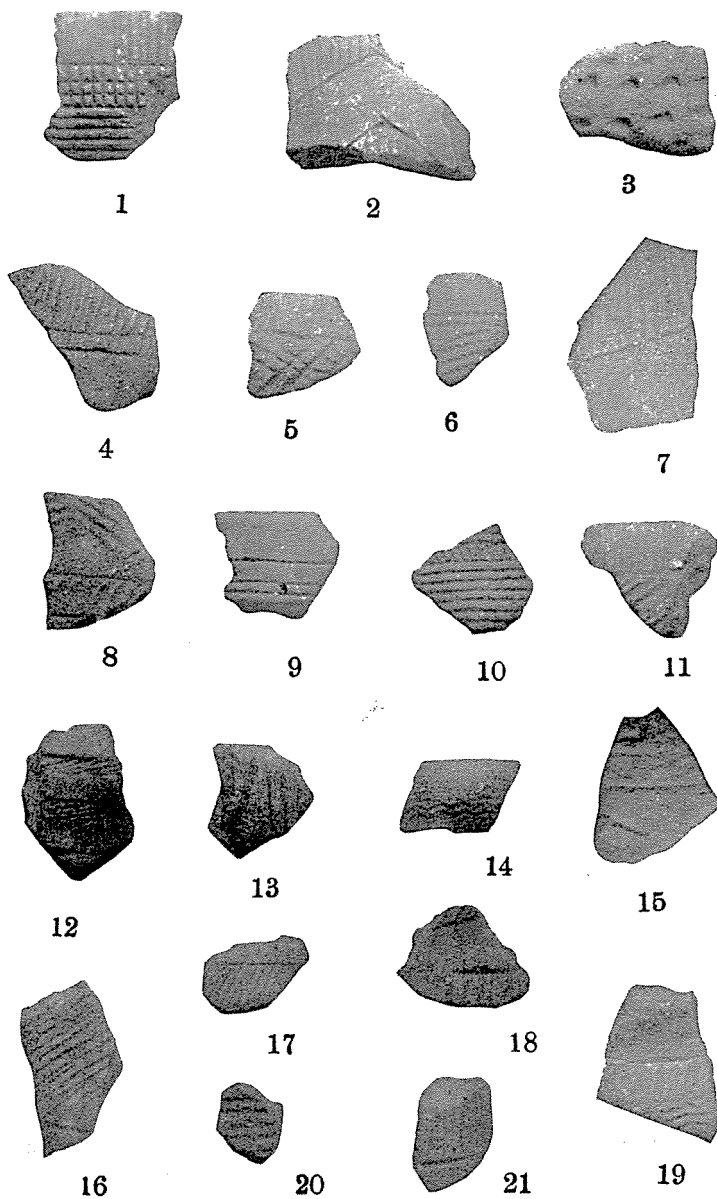
⁽²¹⁾ E. Jalhay, A. do Paço e L. Ribeiro — *Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto)*. Revista Municipal, n.º 20-21, Lisboa, 1945.

⁽²²⁾ A. do Paço e Maxime Vaultier — *Estação eneolítica do Estoril*. Lisboa, 1943.

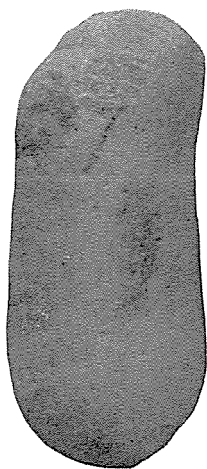
⁽²³⁾ Georg und Vera Leisner — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlin, 1943.



1 — Cerâmica mamilar; 4-5-7-9 — Raspadeiras; 8-10 — Raspadores;
3-11 — Furador; 6 — Lâmina afeiçãoada em raspadeira; 2 — Ponta
aburilada



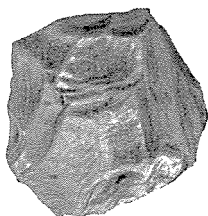
Cerâmica ornamentada



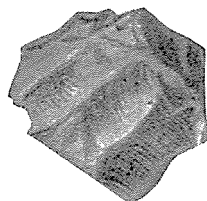
1



2



3



4



5



6

1 — Percutor-pilão; 2 — Mó manual; 3-4 — Núcleos de sílex;
5 — Pendeloque ou peso; 6 — Percutor esférico



fase III (stufe III) do período dos metais e que Santa Olalla ⁽²⁴⁾ considera sob a designação do Bronze Mediterrâneo I que tem início cerca de 2000 anos a. C. e se prolonga até 1700.

Podemos considerar, portanto, a nossa estação no período de 2000 a 1700 anos a. C. Quanto ao tipo de estação duas hipóteses podem surgir:

a) Seria um pequeno povoado, uma espécie de atalaia ou acampamento provisório?

b) Seriam os restos de algum monumento destruído? Não é fora de propósito considerar esta última hipótese, sabendo nós, que não muito longe, existe um monte chamado «das antas» e que também perto se têm encontrado sepulturas eneolíticas (Tholos) e dólmenes como; os da região de Belas e Caneças.

Aguardamos, no entanto, que novas pesquisas sejam feitas para aclararmos estes problemas.

⁽²⁴⁾ J. M. Santa Olalla — *Esquema paleolítico de la Península Hispánica*. Madrid, 1946.